



## Prédios no chão?

# ... para onde ir?



Anderson Barbosa



Joelma Couto

Edifícios São Vito e Mercúrio - Centro de São Paulo

"Apesar de estressante e angustiante, essa negociação com a Prefeitura foi um exemplo de como a organização popular, a persistência e o diálogo podem ser elementos importantes para a conquista de uma cidade mais justa", disse Sueli Batista da UMM

# Na rua... não há mais vagas!

Síntese da Carta Aberta contra o despejo no Edifício Mercúrio

### Os moradores do Edifício Mercúrio devem ser tratados com dignidade

Os moradores do Edifício Mercúrio vêm manifestar indignação frente à postura negligente do Poder Público. São diversas as arbitrariedades cometidas contra os moradores.

1. A Prefeitura está desapropriando o Edifício Mercúrio e, mesmo sem ter sido determinada judicialmente a imissão na posse, a polícia militar, por algumas vezes, praticou ações arbitrárias no local. Estas ações arbitrárias foram denunciadas ao Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana - Condepe, em 4 de novembro.

2. Os moradores, que ainda resistem às ameaças do Poder Público e da polícia, sofrem constantes ameaças de despejo e pressão da Secretaria Municipal de Habitação, sem que nenhuma perspectiva de moradia lhes seja apresentada, não vislumbrando nenhuma alternativa nem qualquer programa habitacional digno.

3. As 35 famílias que ainda permanecem no local ainda não receberam nenhuma verba de atendimento, isso porque os inquilinos só receberiam o valor de R\$ 2.400,00 depois que deixassem o imóvel. No entanto, as famílias não têm para onde ir, pois não encontram imóvel para alugar nos arredores por um valor compatível com sua renda mensal.

4. Isso sem contar que os inquilinos não foram incluídos em nenhum programa habitacional, nem mesmo recebem o Bolsa Aluguel! Sendo certo que poderiam ser incluídos em programas habitacionais de locação ou carta de crédito, oferecidos pela Prefeitura e Estado.

5. Outra situação alarmante são as denúncias de uso irregular da verba de atendimento, valor que deveria ser entregue somente para os inquilinos, mas que na realidade foi "dividido" pelo Poder Público entre proprietários e inquilinos para que acelerassem a desocupação do prédio pelos inquilinos, conforme denúncia de moradores ao Grupo Ministério Público do Estado de São Paulo em 11 de dezembro, o qual requisitou instauração de inquérito policial.

6. Além disso, a única alternativa habitacional que foi apresentada só se destinaria aos proprietários, que é a possibilidade de financiamento de um apartamento na Rua Riachuelo, mas é sabido que os proprietários receberam mais de uma unidade naquele edifício, sendo que aos inquilinos sequer foi apresentada essa possibilidade.

7. Por fim, verifica-se total desrespeito às pessoas de baixa renda, inquilinos e proprietários do Edifício Mercúrio, que à custa da valorização urbana da região têm seus direitos habitacionais excluídos, quando poderiam ter outro tratamento, vez que há programas habitacionais adequados para seus atendimentos, tais como Bolsa Aluguel, Carta de Crédito Municipal e Carta de Crédito do Programa CDHU além de orçamento público suficiente.

União dos Movimentos de Moradia/ Fórum Centro Vivo/ Escritório Modelo Dom Paulo Evaristo Arns - PUC-SP/ Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos

### Cleisa Rosa

Segundo moradores do Edifício Mercúrio no Centro de São Paulo, no dia 1º de dezembro de 2008, aproximadamente, 100 pessoas entre oficial de justiça, assistentes sociais, guardas civis metropolitanos e policiais militares, entraram no Edifício Mercúrio, intimaram as famílias e exigiram a desocupação até o dia 15 de dezembro com chutes dos policiais nas portas dos apartamentos.

Selma Maria de Andrade Lopes, moradora há 24 anos no Mercúrio disse: "Foi horrível, o mundo desabou e nunca pensei passar por uma coisa daquela".

Há uma distância grande entre a ação dos agentes públicos e os discursos dos governantes. Em sua posse, o prefeito Gilberto Kassab disse: "Prometo lutar para a realização do sonho dos paulistanos que querem uma cidade mais justa, mais limpa, mais saudável, mais civilizada". Na realidade, o que ocorreu no Edifício Mercúrio, segundo depoimentos dos moradores, prova o contrário: o desrespeito ao direito de morar no Centro e uma expulsão violenta sem atendimento social e moradia definitiva.

Os moradores que já vinham negociando com a Prefeitura se organizaram e, por meio da Defensoria Pública do Estado, protocolaram no dia 11 de dezembro no Fórum da Fazenda Pública da Capital, uma ação civil pública para que a Prefeitura de São Paulo incluísse inquilinos e proprietários do Edifício Mercúrio em programas habitacionais para a po-

pulação de baixa renda no Centro da cidade. Esta ação foi assinada, também, pelo Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, Instituto Pólis, Escritório Modelo da PUC/SP e União dos Movimentos de Moradia (UMM).

Segundo Claudiane Gomes, moradora do Mercúrio: "A gente só espera que haja justiça e quem errou que pague pelos seus atos. Somos injustiçados, não somos invasores e a nossa luta é por moradia definitiva no Centro".

É mais do que sabido, que há um grande déficit habitacional em São Paulo, e é de se indagar por que destruir 738 unidades habitacionais na área central com outros despejos previstos na região próxima ao Mercúrio, se no Centro há grande oferta de serviços, equipamentos públicos e empregos? Sueli Batista, da União dos Movimentos de Moradia disse: "Por que mais espaço para praça na região se aqui do lado está o Parque Dom Pedro tão abandonado e o Colégio São Paulo tão sem segurança?"

Segundo Luiz Kohara, do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, a construção de moradia popular no Centro é uma saída de qualidade de vida na cidade. "Diante do caos urbano que se tem na cidade de São Paulo, todas as propostas de renovação urbana que tenham objetivo de uma cidade mais sustentável nos aspectos social, ambiental e econômico devem investir na moradia popular no Centro", afirmou Kohara.

No dia 7 de janeiro, de acordo com

informações de moradores do mercúrio, eles tomaram conhecimento que o Ministério Público deu um prazo de 30 dias para que a Prefeitura faça uma relação dos proprietários e inquilinos do edifício Mercúrio, detalhando quem recebeu a verba de atendimento e quais os funcionários da Prefeitura que efetivaram o pagamento, segundo dos moradores.

Por outro lado, antes do término desta edição (8 de janeiro) fomos informados por Sueli Batista que a Prefeitura atendeu representantes das 34 famílias que, por meio de um diálogo produtivo, conquistaram algumas de suas reivindicações com a extensão do prazo de desocupação do Edifício Mercúrio para mais um mês. "A Prefeitura nos disse que as famílias sairiam para um aluguel, mas sem atropelos e com calma até o dia 7 de fevereiro e que ela colaboraria na busca desses locais. As 34 famílias vão receber R\$ 2.400,00 e serão incluídas no Bolsa Aluguel", disse Sueli Batista. As famílias, também, reivindicaram e foram atendidas na indicação de um prédio para ser reformado para as famílias do Mercúrio, uma vez que é pretensão da Prefeitura a implosão dos prédios São Vito e Mercúrio, segundo Sueli.

"Apesar de estressante e angustiante, essa negociação com a Prefeitura foi um exemplo de como a organização popular, a persistência e o diálogo podem ser elementos importantes para a conquista de uma cidade mais justa", disse Sueli Batista da UMM.

## EDITORIAL

## 2009, um ano que promete...

O ano que passou foi de muita organização, lutas, conquistas, comemorações. Aprendeu-se mais um pouco de como conquistar uma cidade mais humana. Derrotas, tristezas, mortes também fizeram parte desse cenário. Terminamos o ano com festas de confraternizações e com muita expectativa para 2009.

Destaque para o Natal Solidário, festa organizada pelos Movimentos da População em Situação de Rua e parceiros na Praça da Sé, centro de São Paulo, que foi um encontro das pessoas em situação de rua, policiais, políticos e religiosos. Ao contrário de todos os anos anteriores que acontecia conflitos entre as forças de segurança, neste ano, a PM e GCM estiveram presentes como sujeitos da construção do Natal Solidário. "Lobo e cordeiro" se encontraram e foi lindo. É preciso vontade, disposição e prática. O Natal mostrou que é possível o encontro dos diferentes com um relacionamento respeitoso. Esse é o grande ensinamento dessa tão velha tradição.

## "O pobre é o problema"

Infelizmente, as notícias do início do ano não são muito animadoras. Muita chuva em alguns estados, seca em outros, guerra de Israel e Palestinos. Mais perto, estão as primeiras ações dos novos prefeitos. O que devia ser um sinal de esperança tem se tornado um pesadelo para os pobres. Os prefeitos assumem suas cidades num verdadeiro caos e querem mostrar serviço e como já se tornou praxe começam pela limpeza classista, ou melhor, recolhem os moradores de rua em ações claramente ilegais e injustas, sem levar em conta a situação dessas pessoas, os direitos humanos, os direitos constitucionais, em particular, o direito de ir-e-vir.

Vejam o que nos escreveu Eduardo Monteiro, usuário da Comunidade de Emaús do Rio de Janeiro:

"Estão tirando os moradores das ruas e os levando para abrigos. Os que não são da cidade do Rio de Janeiro serão encaminhados às suas cidades de origem. Hoje, dia 7 de janeiro, almocei num restaurante onde o almoço vale R\$ 1,00, que é freqüentado, também, por muitos moradores de rua. Lá fiquei sabendo que esta ação da prefeitura é chamada pelos moradores de rua de o "Bonde". Os moradores estão com medo deste Bonde. A prefeitura não comenta o estado destes abrigos. Tirar de forma obrigatória não resolve e não é o certo. A prefeitura do Rio deve achar um meio que não fira os direitos humanos e não seja a primeira a descumprir a Constituição. Morador de rua não é saco de lixo, onde se pega e leva para lixeira. Morador de Rua é um ser humano que merece respeito e cuidado.

Aproveito para conchamar os órgãos, entidades, instituições, ONGs que tratam dos Direitos Humanos, e áreas ligadas a Assistência Social a 'gritar' e reivindicar os direitos dos moradores de rua. Tirar não, mas os convidar e lhes dar um lugar digno, sim".

## Na rua não tem mais vaga, está lotada!

Em São Paulo, como mostra a reportagem de capa, o prefeito fala bonito: "Prometo lutar para a realização do sonho dos paulistanos que querem uma cidade mais justa, mais limpa, mais saudável, mais civilizada". Mas...

Ao mesmo tempo ameaça jogar 34 famílias literalmente na rua. A cidade que o prefeito quer será que não inclui os pobres? Está se tornando usual esta prática na cidade e parece que não somente com as pessoas em situação de rua. O que fica claro é que a população pobre, desempregada e sem moradia não pode ficar na região central da cidade. Os métodos aplicados para isso são o desrespeito, a violência, a repressão. Ações excludentes e higienistas continuam sendo a marca dessa administração por meio de um modelo intervenção que privilegia interesses imobiliários e financeiros. Por que não se busca uma saída mais justa sem prejudicar os proprietários, mas agir de forma mais justa ainda com aqueles que não têm para onde ir. Sem aluguel, sobram os viadutos, praças, albergues e outros buracos. Por que não evitar esta situação? Pelas pessoas, inclusive crianças, e por que não pela cidade? Depois vem falar de políticas para a população de rua?! Temos que dizer para o Prefeito que a rua já não tem mais vaga. Que o poder público encontre uma solução justa para esses moradores e invista em soluções também para quem já está em situação de rua.

## Vida no Trecho

## "Quero ter uma vida como todo mundo"

Joelma Couto

Há algum tempo, tento me aproximar dos catadores da região de Santo Amaro e encontro alguma dificuldade porque não estão organizados em cooperativas e a da Granja Julieta fica dentro de um espaço da subprefeitura. Isso dificulta um pouco.

Numa das noites em que sai para tirar fotos, descobri que a praça abandonada ao lado do condomínio servia de dormitório para um desses carroceiros do bairro, que chegara há quatro meses e era uma pessoa querida dos porteiros. Fui à praça e conheci sr. Carlos, que perdeu o emprego depois de um acidente e longo tempo de tratamento. Sua esposa o deixou, mas as dívidas ficaram. Sem emprego e sem condições de sustentar os dois filhos, sr. Carlos teve que deixá-los com parente e ir morar na rua. No entanto, disse que, atualmente, tenta guardar o dinheiro que ganha com os recicláveis para alugar um lugar pra viver com os filhos.

Há um mês atrás, soube que sr. Carlos foi expulso da praça pelo síndico do condomínio a partir de reclamações dos moradores com tinham medo que a presença dele atraísse ladrões. O caminhão da Prefeitura levou todos os seus pertences.

Resolvi sair pelas ruas do bairro na tentativa de localizá-lo. Foi nessa busca que vi um rapaz sentado na calçada, sozinho, com olhar distante e triste. Resolvi me aproximar. Foi assim que conheci o sr. Renê Ferreira dos Santos, 26 anos, que tem como casa, as ruas da Zona Sul de São Paulo. Renê trabalhava como assistente de motorista em uma transportadora, que há cerca de três anos faliu. Desempregado e sem dinheiro para pagar o aluguel, foi morar na casa de conhecidos, mas não deu certo. Ele se diz orgulhoso e não gostava da maneira como era tratado. Sem opção, foi morar na rua.

Renê perdeu a mãe com um ano de idade e seu pai que morava em Capivari (SP) faleceu há quatro meses. Renê não foi ao sepultamento porque não queria que sua família o visse como ele está vivendo: sem emprego.



Fotos: Joelma Couto

"Nunca fui preso, mas também não tenho endereço fixo para arrumar um emprego, assim fica difícil sair dessa vida", desabafa Renê.

Caminha diariamente pelas ruas do Morumbi, Brooklin, Moema, Granja Julieta e Chácara Santo Antonio recolhendo material reciclado das 8 às 18 horas, quando encosta a carroça no ferro-velho do Régis. "Lá a gente é bem tratado, o sr. Régis e a d. Gigi são muito educados. Tem até um chuveiro pra gente tomar banho lá!"

Renê também conta que alguns restaurantes dos bairros onde passa servem refeições para os catadores, mas encontram muitas dificuldades. Se o catador deixa a carroça na rua e entra no restaurante, corre o risco de ter a carroça roubada ou levada, porque é comum

alguns vizinhos dos restaurantes se sentirem ameaçados. Já os donos dos restaurantes têm medo da vigilância sanitária que proíbe esse tipo de doação, alegando que são restos alimentares.

O dono de um restaurante que não quis ser identificado, comentou: "O que muita gente não sabe é que em alguns restaurantes, quando os catadores chegam e pedem um prato de comida, o dono prepara na hora uma salada com ovo e feijão, o que estiver mais à mão. É comida fresca feita na hora. Não tenho coragem de deixar alguém sair daqui com fome, ninguém bate na minha porta e sai de barriga vazia. No entanto, tenho que tomar cuidado porque os vizinhos reclamam "dessa gente" por aqui. Se me denunciarem para a vigilância sanitária, terei problemas. Este é o meu ganha pão".

Renê tem esperanças de conseguir arrumar um emprego fixo com carteira assinada em 2009. "Ainda tenho esperança, "quero ter uma vida como todo mundo, ter um lar e em dias de chuvas não ficar molhado", finaliza Renê.

Na procura de Carlos, encontrei Renê, e por meio dele fiz contato com pessoas que tentam, apesar das dificuldades, tornar a vida de pessoas em situação de rua um pouco melhor. Foi, também, Renê que me apresentou aos trabalhadores da Cooperativa da Granja Julieta que recentemente foi vítima de um incêndio criminoso. Mas isto é outra história!



apoio



www.paulus.com.br • (11) 5084-3066

Comunicação a serviço da verdade

## O Trecheiro

Notícias do Povo da Rua

CONSELHO EDITORIAL:  
Arlindo Dias  
Cloves CostaEQUIPE DE REDAÇÃO:  
Alderon Costa  
Arlindo Dias  
Cleisa Rosa  
Joelma Couto  
REVISÃO:  
Cleisa RosaFOTOGRAFIA:  
Alderon CostaDIAGRAMAÇÃO:  
Cloves CostaEQUIPE DE APOIO:  
Argemiro Almeida  
Andreza do CarmoIMPRESSÃO:  
Forma Certa  
5 mil exemplaresREDE RUA  
DE COMUNICAÇÃORua Sampaio Moreira, 110 - Casa 9 - Brás - 03008-010 - São Paulo - SP  
Fone: (11) 3227-8683 - 3311-6642 - Fax: 3313-5735  
www.rederua.org.br - E-mail: rederua@uol.com.br

## Fórum Permanente

A Comissão Provisória criada para tomar providências para a construção de um fórum permanente, convida você para participar da plenária do dia 20 de janeiro, das 9 às 12 horas no Sefras - Rua Riachuelo, 268, com o objetivo de:

1. Criar o Fórum Permanente de Acompanhamento das Políticas Públicas da População em Situação de Rua;
2. Indicar alterações na versão da "Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua", que está em consulta pública até o 30 de janeiro de 2009;
3. Encaminhamento das providências em Brasília sobre Políticas Públicas (repercussão da visita do Lula em São Paulo);
4. Notícias e encaminhamentos da política pública da cidade de São Paulo (relação com Smads, convênios, programas, Aliança pela Vida e outros)

O documento "Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua" está on line para consulta pública no www.mds.org.br.

A próxima PLENÁRIA FALARUA (São Paulo) será realizada

PLENÁRIA  
FALARUA

Dia: 10/1/2009 (sábado) às 14 horas

Local: Casa de Oração do Povo da Rua

Endereço: Rua Djalma Dutra, 3 (esquina com a Rua 25 de Janeiro) - Luz

Tema: Discussão dos Programas Habitacionais para a População de Rua: Parceria Social e outros

VENHA VOCÊ TAMBÉM PARTICIPAR DESSA HISTÓRIA!

# Debate nacional

— Daniel De Lucca

O “Seminário Nacional População em Situação de Rua: Políticas públicas e perspectivas”, organizado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ocorreu no dia 14 de novembro de 2008, em São Carlos, com a presença de pessoas em situação de rua, gestores públicos, profissionais e estudiosos que puderam apresentar suas pesquisas em relação ao tema. Entretanto, muito mais do que um espaço para a reflexão acadêmica, o objetivo do seminário foi estabelecer um diálogo entre diversos segmentos sociais para poder avançar na discussão sobre as políticas públicas e as possibilidades de construção da cidadania das pessoas em situação de rua.

Valéria de Massarani Gonelli, do Ministério do Desenvolvimento Social falou da importância de marcos legais que possam garantir a inclusão social dessas pessoas e que o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) é uma possibilidade de avan-

ço nessa direção.

Anderson Lopes, do Movimento Nacional da População de Rua, fez um histórico das lutas empreendidas em São Paulo na construção de políticas para a população de rua. Segundo Anderson, “a política pública não pode ser imposta, mas sim construída de baixo para cima e não cair em cima da gente como um decreto sem nenhuma participação popular”.

A profa. Maria Cecília Loschiavo (USP) mostrou como as atuais práticas de expulsão da população de rua do espaço público da cidade estão diretamente conectadas às políticas urbanas neoliberais de punição da pobreza e de controle das populações marginalizadas. A profa. Delma Pessanha (UFF), a partir de suas pesquisas feitas no Rio de Janeiro, disse que, enquanto anos atrás a resposta moralizante que as autoridades davam aos moradores de rua era o “vai trabalhar vagabundo”, depois de um certo tempo, isso não

se tornou mais possível. “Começou a aparecer tanta gente na rua que a polícia já não podia mais prender ou reprimir essas pessoas, não sabendo mais o que fazer, apenas falava ‘circulando’”.

Luciano Freitas, da Secretaria Municipal de Inclusão Social de Araraquara também falou que a população de rua na região possui um perfil diferente do das grandes metrópoles. Tanto em São Carlos como em Araraquara, devido à procura de mão-de-obra na agroindústria canavieira, boa parte das pessoas em situação de rua é itinerante em busca de trabalho com alta rotatividade entre os municípios da região. Segundo Luciano, “ainda há uma tendência aqui na região de se tratar o morador de rua na base da passagem. Simplesmente dá-se uma passagem para ele ir embora da cidade”.

O Seminário terminou com a elaboração de uma carta tecendo considerações sobre o que foi discutido



Divulgação

nas mesas. O conjunto das falas apontou para a importância de se pensar a população de rua não só nas grandes metrópoles do país, mas também nas cidades médias. Nessas cidades, a população de rua também se configura como uma questão social de importância crescente, ainda que tenha perfis diferentes. Nesse sentido, as políticas públicas

que ali forem criadas devem se articular numa rede de apoio entre vários municípios para conhecer, receber e atender a população itinerante, e não simplesmente expulsá-la ou mandá-la para outra cidade.

*Daniel é antropólogo, pesquisador do CEBRAP e colaborador do O Trecheiro.*

## Teatro na Praça

— Mirtes Leal

Pessoas que vivem na Praça da República e imediações já sabiam: todos os domingos, às três da tarde, no meio da praça, tinha um programa imperdível: a apresentação de *O Santo Guerreiro e o Herói Desajustado* pelos atores da Cia. São Jorge de Variedades.

A peça, além de falar dos problemas vividos no cotidiano pela população da cidade de São Paulo, incluindo as pessoas em situação de rua, é divertida, emocionante, com muita música boa.

O senhor Lourival Melquíades era um que não perdia uma tarde de domingo, integrando-se com o grupo em vários momentos. Ele conta: “Comecei a participar para me levantar, levantar o moral. O pessoal me respeita, tem amizade, fala meu nome. Eles até sentem falta quando não estou lá”.

Na verdade o grupo convida e estimula as pessoas a entrar em cena. Rogério Tarifa, diretor da peça, explica: “Preparamos o espaço para que as manifestações possam acontecer, por parte dos atores e do público,

num jogo constante de criação. É preciso estar aberto para levar o espetáculo a cada dia por um novo caminho”.

O *Santo Guerreiro* é um espetáculo do tipo carnavalesco, com porta-estandarte, passistas, carro alegórico e tudo, que narra a caminhada de Dom Quixote e seu companheiro Sancho Pança na cidade de São Paulo e suas tentativas de combater a miséria, a injustiça, a corrupção. Mas acaba por sentir-se desorientado ao enfrentar a realidade e a lógica das relações na grande cidade. Meio alucinado, ele confunde a cidade com sua amada Dulcinéia e seus ideais entram em conflito com a realidade. Até que encontra São Jorge e...

Bem, não vamos contar a peça inteira, pois o que interessa é falar do encantamento que ela provoca nas pessoas e na alegria dos espectadores que entram em cena. E foram muitos, alguns tocando algum instrumento, como o Lourival, ou como o Carlinhos, que até ensinava aos atores alguns toques de tambor.



Adalberto Lima

Ou como uma senhora, moradora de rua, que, como se diz, “roubou a cena” do espetáculo ao responder a Dom Quixote “Aqui estou eu” quando ele começou a chamar por sua amada Dulcinéia. Ou como Janaína e Matheus, duas crianças (filhas de artesãos que trabalham na feira da praça), que sempre participavam. Como diz Rogério Tarifa, “é sempre muito bonito quando alguém entra em cena para construir junto com a gente uma nova possibilidade de criação, de vida; essas entradas acabam re-

velando as contradições e belezas que existem na nossa cidade”.

As intervenções do público em geral são de solidariedade e de identificação com o personagem, um herói “desajustado”. Mas no final fica a pergunta: será que o mundo materialista e impessoal de hoje está realmente bem ordenado? Quem enlouqueceu: Dom Quixote ou a realidade que o cerca?

A temporada da peça na capital se encerrou em dezembro. Provavelmente Lourival Melquíades vai

*Nos seus 10 anos de existência, a Cia. São Jorge de Variedades já mereceu vários prêmios e menções honrosas em festivais. Neste ano vão apresentar-se em outros estados. Mas estão programadas ainda duas apresentações na capital: em 25 de janeiro na Mostra de Teatro de Rua do grupo Folias e, nos dias de Carnaval, em cima do Minhocão.*

sentir falta do grupo com o qual conviveu tantas tardes de domingo. Ele estava só esperando as últimas apresentações para acompanhar o amigo Caetano de Alcântara, também companheiro de Praça da República, ao interior de Minas, onde Caetano ia visitar filhos e netos. Pelo seu estado de saúde, seria difícil para ele viajar sozinho. Por isso Lourival planejou ir junto. Para, assim como o grupo fez com ele, “levantar o moral” do amigo. Esperamos que tenha realizado seu projeto.

## Capacidade de criar saídas

— Cleisa Rosa

Para finalizar os encontros do ano, no dia 20 de dezembro, o Fórum de Debates convidou Debora Galvani, profa. de Terapia Ocupacional (TO) da USP que, em 2008, defendeu a dissertação de mestrado “Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades”, para apresentá-la.

É importante ressaltar a presença assídua e comprometida de Debora e alunas do curso de TO na construção desse espaço de debates. Desde 2003, incentivam professores, estudantes, pesquisadores, trabalhadores sociais e pessoas em situação de rua a compartilharem seus conhecimentos. Numa relação de igualdade, buscam juntos refletir sobre os problemas e definir estratégias de superação para garantir direitos no cotidiano e nas lutas políticas.

Nesse encontro, estiveram presentes aproximadamente, 30 pessoas que ouviram atentamente a exposição de Débora e participaram



Alderon Costa/Rede Rua

João da Viola e Debora Galvani

ativamente dos debates.

Debora levantou a dificuldade de nomeação da população. Nenhuma das expressões utilizadas, seja população de rua ou em situação de rua, agrada aos que estão nessa situação. Um de seus colaboradores — é assim que ela denomina as pessoas que participaram da pesquisa — perguntou-lhe: “O que é rua? E ele próprio respondeu que

rua é sarjeta e que ele não era sarjeta mesmo que trabalhasse e eventualmente dormisse nela.

Na exposição, ela detalhou a metodologia que utilizou na pesquisa, que teve por base cinco estudos de caso, isto é, pessoas que estavam ou em programas de moradia; ou participavam de organização política (movimentos sociais específicos); ou integravam redes de rela-

ções de caráter religioso ou circuitos ligados à arte e cultura; ou se utilizavam de serviços da rede assistencial ou tinham formas de geração de renda. Além destas diferentes formas de participação social, o colaborador deveria ter vivido ou estar em situação de rua por mais de dois anos. Debora afirma que se trata de um tipo de pesquisa que exige um convívio prolongado e uma aproximação com seus modos de vida.

Segundo Debora, a análise foi realizada em duas perspectivas tendo em vista os objetivos fixados: o desenvolvimento de estratégias como a criação de redes sociais de interdependência e o fortalecimento de identidades.

Em síntese, as trajetórias de vida estão marcadas por rupturas e pela ausência de emprego ou de trabalhos temporários. Suas histórias de vida, seus espaços de participação e de pertencimento apontam as diversas alternativas para criar e recriar a vida e as possibilidades, que

transcendem o circuito da Assistência Social.

“A participação política e a constituição familiar, no caso de Anderson; a inserção religiosa na Igreja Adventista, na experiência de Pedro; a reconstituição familiar e a música, na trajetória de João; a incessante busca por educação e trabalho no caso de Armand; e a participação política, a religiosidade e a reaproximação com a família na história de Francisco — todas essas vivências foram identificadas como elementos principais nesse processo de reconstrução de suas vidas, impregnadas pela construção de sentidos”, diz Débora.

Do ponto de vista da Terapia Ocupacional, Debora enfatiza que sua profissão procura exercer um papel de mediação nessa busca de novas possibilidades com o fortalecimento da pessoa e seu pertencimento, atenta à capacidade das pessoas de pensar, criar, sonhar, ter esperanças e utopias na construção de projetos pessoais e coletivos.

# Lula se compromete a interferir

— Alderon Costa

No dia 23 de dezembro de 2008, moradores de rua, catadores de materiais recicláveis, lideranças desses movimentos, representantes das organizações sociais, políticos, religiosos, profissionais de imprensa, ministros estiveram presentes no sexto encontro do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, com os catadores e a população em situação de rua.

O encontro aconteceu na quadra dos bancários com a participação de, aproximadamente, 600 pessoas. Num clima alegre, cordial e de muita expectativa. “Seja bem-vindo homem do povo, que nossas canções e palavras possam tocar seu coração”, declamou a locutora na chegada do presidente Lula. Pe. Júlio Lancellotti destacou que “jamais se ouviu falar que um presidente tenha se encontrado com os catadores e moradores de rua por seis anos seguidos”.

O Presidente ouviu elogios, mas também recebeu várias críticas em relação à falta de agilidade dos órgãos federais.

Os catadores tiveram a representação de Matilde Ramos da Silva, do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, que chamou a atenção para as dificuldades do último ano e solicitou que os recursos venham para as cooperativas e não para as prefeituras.

Anderson Lopes, representante do MNPR destacou os 60 anos de Direitos Humanos, mas as cidades continuam com grades nas praças e expulsa a população de rua e os catadores. Solicitou, também,



Fotos: Alderon Costa/Rede Rua



mais agilidade na efetivação das políticas públicas. “As políticas para o povo de rua não são para amanhã e nem para ontem, é para hoje, para agora, já! O povo da rua precisa disto hoje!”, falou Anderson. Aproveitou para solicitar que a coordenação dessa política seja feita a partir da Presidência da República e que seja implantado um Centro de Referência dos Direitos Humanos em todos os Estados.

O Ministro Patrus Ananias esclareceu que o papel das prefeituras na execução das políticas públicas. Em seguida, o cardeal dom Odilo Scherer, bispo da Arquidiocese de São Paulo, lembrou as dificuldades que as pessoas de rua passam.

O presidente Lula ficou à vontade. Falava, andava, dava apertos de mãos, sorria para uma e outro, recebia documentos, recados e não podia faltar, uma fotografia! Falou duro com os ministros e garantiu que iria agilizar as ações do governo. “Em dois anos precisamos derrubar o resto da burocracia da máquina pública que impede que a gente ande mais rápido”, declarou Lula.

Ao final o Lula convocou as lideranças, padre Julio Lancellotti e os ministros presentes para uma reunião no começo de 2009 para dar os encaminhamentos.

A alegria, a informalidade e festa foram as marcas desse encontro que contou com vários artistas em situação de rua e com um afinadíssima orquestra também formada por músicos em situação de rua.

## Um Natal Solidário humanizado e em festa

— Tarcísio Geraldo Faria

Dia 24 de dezembro, 10 horas, Praça da Sé, Anderson Lopes e Robson Mendonça, representantes dos movimentos da população em situação de rua, chamam as autoridades presentes: padre Júlio Lancellotti, vigário do povo da rua; Floriano Pesaro, vereador recém-eleito; a vereadora Soninha e o senador Eduardo Suplicy para subirem ao palco.

A Guarda Civil Metropolitana, de um lado e a população de rua, do outro. Dos dois lados um estranhamento, um clima diferente naquele “enfrentamento”. Padre Júlio convida os presentes a rezar o Pai-Nosso. Com seus instrumentos, os guardas metropolitanos logo deixam claro como serão as coisas. Nem gás de pimenta nem cassetetes, era o Coral da GCM que abria as comemorações do Natal Solidário de 2008.

A GCM com canções natalinas e mensagens de paz veio presentear as pessoas em situação de rua. Para fechar com chave de ouro a abertura, Suplicy pede para cantar com o coral, uma canção de Bob Dylan, *A resposta está soprando com o vento*, que questiona quanto tempo as injustiças ainda serão cometidas. O povo aplaudiu!

A partir daí, o palco foi dos talentos da rua. O primeiro a se apresentar foi Bob Lopes, compositor e cantor de suas próprias músicas, seguido de Bob Neto, *cover* do Raul Seixas que levantou a gale-



Praça da Sé - Coral da GCM, Eduardo Suplicy e pessoas em situação de rua e organizações no Natal Solidário

ra; seguiram o João da Viola, o grupo de pagode Batuque de Rua, o Gibbson Braga, o Ena-Ha, cantor de reggae, há dois anos num projeto pelas ruas de Sampa.

Entremeando as atrações, duas barracas colocadas nas laterais da praça, traziam atividades e informações aos presentes. Os locutores propuseram ao público um “microfone aberto” e ouvimos o Ed Boy com seus repentes. Tivemos, também, o compositor Francisco Machado, cantor desde os oito anos de idade que sonha lançar um bom CD

para mostrar suas letras. “Se os caras ouvirem a melodia, os caras gravam”. Machado diz ter mais de 100 composições na gaveta.

Antes de encerrar a festa, o Coral da Polícia Militar se apresentou. Abriam com Vira Virou de Cleiton e Cledir, cantaram músicas de Milton Nascimento e, no tradicional Noite Feliz emocionados e emocionando a todos, agradecem a receptividade, desejando sorte e oportunidades: “Um ano de paz pra todo mundo e boas festas”.

Perguntados sobre a sensação

de se apresentarem para a população em situação de rua, a GCM Kátia afirmou que “num primeiro momento, me senti meio receosa. Eles não conheciam esse nosso lado, mas saio feliz de mostrar este trabalho humanizado que desenvolvemos, o retorno foi ótimo”!

A GCM Sandra falou: “Foi muito bom, precisamos trazer mais, quem não precisa de música? Estamos indo realizados”.

O regente do coral, GCM classe distinta Milanez, lembrou que “a Guarda desenvolve um trabalho

humanizado, que não aparece, buscamos trabalhar mais nos aproximando das pessoas da população, apesar da inadequação de nossos papéis, que às vezes levam a conflitos, pelas ordens que recebemos”.

O 2º tenente-músico, PM Ismael, afirmou: “Não tem conflito, o que a PM faz é proteger a sociedade. Estamos agradecidos e lisonjeados pela oportunidade de apresentação que é para todos”. E concluiu: “O coral não tem esse conflito, já trabalhamos com esse público em albergues, hospitais e é sempre compensador”.

Durante as apresentações, conversamos com alguns transeuntes que paravam para ouvir, todos ficaram espantados com a organização. Dona Elizabete, moradora da Zona Leste, que veio fazer suas últimas compras e se encantou com a festa ao saber a motivação, afirmou: “Eles pedem tão pouco, que deveriam fazer mais vezes e não apenas no Natal”!

Além das apresentações e oficinas, a organização também distribuiu cerca de mil refeições aos presentes, doados pelas organizações parceiras e apoiadores.

A festa encerrou-se às 17 horas, mas a possibilidade aberta com sua realização pode ser das mais promissoras. A estratégia dos coordenadores de convidar os corais da GCM e da PM funcionou perfeitamente e não tivemos os confrontos de anos passados. Então foi um bom (re) começo.